

SOFIA AFONSO

afonosophia@gmail.com

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA), Faculdade de  
Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

## PARA UMA E(STÉ)TICA DE QUESTIONAMENTO

A presente reflexão inscreve-se num trabalho de investigação mais alargado sobre a experiência migratória protagonizada por descendentes de emigrantes portugueses cruzando a biografização dessa experiência com a sua transposição artística (Afonso, 2017). Tratou-se, mais precisamente, de perspetivar o ato de regresso ao país de origem ou natal como movimento reflexivo com a projeção artística como movimento de deslocação dessa experiência migratória. Centramo-nos aqui somente na demonstração da arte enquanto corpo descritivo de uma ética de questionamento que vem potenciar junto dos públicos um olhar deslocado da visão normativa que ainda permanece sobre a experiência migratória (Afonso & Mora, 2018).

Temos vindo a assistir desde os anos 90 a uma crescente visibilidade da “arte em diáspora” como objeto de transculturalidade, de transnacionalidade. Através da arte em diáspora joga-se, a um primeiro nível, a recusa da dicotomia entre dois opostos – o um e o outro –, e o reconhecimento do hibridismo, sob formas várias, de entre as quais a dupla e tripla pertença, indissociável da (con) fusão identitária e/ou linguística. Mas a um segundo nível, epistemológico, o que se joga é, também, a afirmação da necessidade de criação de uma *outra* constelação de recursos, relativamente à qual a arte dá conta bem melhor que a “fragmentação imposta pela abordagem disciplinar que as Ciências Sociais frequentemente impõem, da ‘totalidade’ do movimento” (Hammouche, 1998, p. 3).

Exposições como “Lá Fora”<sup>1</sup>, “Sem Saudade”<sup>2</sup> e “Cinco Autores Luso-descendentes”<sup>3</sup> são, entre outros exemplos, mostras que ao reunirem um conjunto de artistas portugueses e/ou de origem portuguesa nos dão outra visibilidade da emigração portuguesa, abrindo a possibilidade de fazermos dela outras leituras. De facto, artistas franceses, belgas, luxemburgueses, canadianos, americanos, ingleses, australianos, de origem portuguesa e com proveniências artísticas várias – fotógrafos, realizadores, pintores, músicos, escritores, contadores... –, têm, graças a estas exposições, tanto internacionais como nacionais, em diversos espaços e em várias escalas, protagonizado um discurso de reinterpretação política e cultural das sociedades em diálogo.

Por outras palavras, como refere Aïda Kaouk, conservadora do Museu Canadano das Civilizações e curadora da exposição “Ces pays qui m’habitent”, nessas mostras: “as obras são apresentadas não como testemunhos do étnico, mas antes como expressões de uma experiência social onde o específico e o universal são colocados em evidência, um e o outro e não um sem o outro”<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Exposição organizada pelo Museu da Presidência da República, em parceria com a Fundação EDP. Esteve patente em Viana do Castelo entre junho e setembro de 2008 para assinalar o dia 10 de junho – Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas e, posteriormente, no Museu da Eletricidade em Lisboa até dia 15 de março de 2009.

<sup>2</sup> Exposição que reuniu vários artistas canadianos de origem portuguesa, patente em Toronto (Canadá) na Gallery 1313, em 2003.

<sup>3</sup> Exposição patente em Braga, entre dezembro de 2006 e janeiro de 2007, no Museu Nogueira da Silva, que reuniu cinco artistas de origem portuguesa que desenvolvem a sua atividade artística em França e no Canadá.

<sup>4</sup> Retirado de [https://www.museedelhistoire.ca/cmce/exhibitions/cultur/cespays/pay1\\_1of.html](https://www.museedelhistoire.ca/cmce/exhibitions/cultur/cespays/pay1_1of.html)

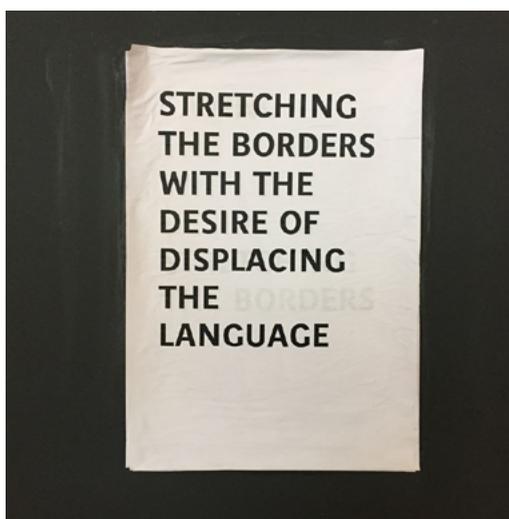


Figura 1: “Kissing the Sun, Touching the Moon, Mixing the Waters”<sup>5</sup>

Créditos: Marco Godinho

“Os imigrantes são o assunto do século vinte um” (Bruguera, 2016, para. 8). Esta frase da autoria de Tania Bruguera, artista e ativista cubana, radicada nos Estados Unidos, pode ser embebida da noção de política da filósofa Chantal Mouffe. Para a autora, o político constitui a “dimensão de antagonismo” da sociedade contemporânea, ou seja, é no “político (...) [que] o conflito ocorre” (Mouffe, como citado em Bal, 2009, p. 43). São inúmeras as intervenções artísticas contemporâneas que ocasionalmente ou de modo mais regular inscrevem criticamente vários destes traços que perfilam as sociedades de hoje relativamente ao tema deste trabalho: a *fluidez identitária* e a sua tradução nos planos político, social, cultural, linguístico, religioso; o *desdobramento espacial* implicado na fluidez identitária – deslocação, desterritorialização e reterritorialização – por um lado, legitimador de mobilidade, circulação, e direito de saída, por outro, controlador, censurante, impeditivo do direito de entrada; a constante *negociação cultural* que

<sup>5</sup> Trabalho em série em exposição no Le Parvis – Centre d’Art Contemporain, Tarbes (25 de outubro de 2019 a 11 de janeiro 2020). Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais larga intitulada “Poèmes et autres seuils”. No decorrer da exposição, todos os dias no momento da abertura do centro, fixa-se uma folha de papel onde está escrito uma frase do artista. Quando o centro fecha as suas portas, essa folha é retirada e refixada numa parede exterior (entrada do centro). Este ritual diário faz aparecer uma camada temporal de folhas coladas umas sobre as outras relembrando um palimpsesto. O artista recorre à escrita como ligação entre um espaço de exposição interior e exterior.

o desdobramento espacial inscreve bem como a *memória traumática* (e.g. Crownshaw, 2013; Devereux, 1970; Kirmayer, 2006) de desenraizamento, de perda, de conflito.

Todos estes traços transportam uma *ambivalência valorativa*, ora de futuro, de abertura, de transformação, ora de medo, de retrocesso, de enclausuramento. Num contexto de crescimento económico, estas dimensões sociais não são mais do que os tradutores de um mundo globalizado, em que o local traduz o mundo, onde o hibridismo, o pluralismo e a mestiçagem são valorizados. Mas num contexto de crise económica e financeira sistémica, aliada à legitimidade de lógicas nacionais securitárias face à ameaça terrorista ou à “invasão” dos refugiados, a consequência principal é uma crescente desagregação da coesão social já frágil *per se* que se vem somar às diferentes fissuras já existentes na sociedade europeia e entre países europeus, promovendo, também, para fins eleitoralistas uma inscrição nacionalista. Deparamo-nos de igual forma com uma ação-tempo política cronometrada por uma agenda mediática cuja estratégia comunicativa assenta em conteúdos simplistas, facilmente consumíveis, que reproduzem e cristalizam modos de pensamento que integram uma narrativa dominante, mesmo se o “sistema vigente” reconhece as suas contranarrativas.

A arte tem vindo a ocupar um lugar preponderante em formular politicamente “a dimensão de antagonismo” (Mouffe, 2005, p. 9). Embora possamos, no plano retórico, como o faz, por exemplo, Joly (2016), questionar tal engajamento,

os artistas devem reagir “esteticamente” aos males da sociedade, devem ser portadores de uma palavra diferente da dos média, dos “políticos” ou devem reduzir-se a serem apenas uma caixa de registo, conscientes da sua impotência para agir sobre os fenómenos globais que assaltam regularmente o mundo? (para. 1)

Como Chantal Mouffe (2013), consideramos que arte e política são indissociáveis:

do ponto de vista da teoria da hegemonia, as práticas artísticas desempenham um papel na constituição e manutenção de uma dada ordem simbólica ou no seu desafio e esta é a razão pela qual elas têm necessariamente uma dimensão política. (p. 9)

Assim, e partindo do princípio de Bourriaud (2002) segundo o qual “o papel do artista é criar relações entre as pessoas e o mundo através dos objetos estéticos” (p. 8), projetamos, neste trabalho, a ideia de que as práticas artísticas podem levar-nos a adquirir uma compreensão mais próxima, mais autêntica das complexidades contemporâneas.

A estética (e a ética) do globalismo (Bhabba, 2007) que integra o múltiplo – multilugar, multipertença, multi-identidade, multilíngua – porque faz referência, pelo menos, a dois universos culturais, a uma transformação em dois sentidos, através da memória de experiências como o exílio, a perda, a falha, o trauma, o desenraizamento, vividas (ou não) pelos próprios autores, é com recorrência objeto de várias denominações, tais como: arte migrante (Phuan, 2009, como citado em Singapore Art & Gallery Guide, s.d., para. 3), arte diaspórica (Mercer, 2008), estética diaspórica (Lemke, 2007) ou ainda a conjugação entre arte, estética, globalização, transculturalidade, transnacionalidade (e.g. Werbner & Fumanti, 2015).

Não nos alongaremos sobre a controvérsia existente à volta da pertinência em recorrer, reproduzir, substituir os adjetivos, migrante, diaspórico, transcultural. Preferimos entendê-los como ponto de partida, que serviu de alavancagem, de nomeação para reconhecer os choques sociais, culturais, psicológicos da experiência exílica.

As deslocações suscitadas pelas migrações baseiam-se quase sempre num eixo dicotómico, marcado por várias tensões porque agarradas à oposição entre nós e os outros, cá e lá. Aquando do regresso ao país de origem ou natal, reproduz-se a mesma lógica hierárquica, mas desta vez invertendo a relação de força, o que pode, todavia, gerar a rutura com o binarismo instituído, dando lugar a um questionamento territorial de pertença. A vivência migratória significa uma vivência de trauma, subalternização, emancipação, confronto, negociação desenraizamento, transplante etc... O sentimento de *forever foreigners* tal como o formulou Tuan (1999), parece persistir em baixa ou alta densidade ao longo de anos e em momentos diferentes do percurso de vida (enquanto estudantes, adultos, entrados no mercado de trabalho ou já com alguma experiência e vivência laboral/profissional). Disposição que deriva de uma experiência sobre si de discriminação, de racismo, explícita, disfarçada ou dissimulada: sobre o nome, o tom de pele, os seus pais (profissão, classe), ou sobre o país de origem.

Recorrer ao exercício de aproximação artes/ciência constitui, nomeadamente neste trabalho, um procedimento de renovação analítica, dar voz ao eu narrável da experiência migratória devolvendo-a à intimidade dos seus protagonistas. O abrir o estudo das migrações à arte, na sua pluralidade, significou acreditar que as várias linguagens artísticas podem constituir-se em valiosos recursos de conhecimento, seja de produção, seja de divulgação. Pois, a par do seu valor de reflexão, as obras artísticas pela sua valência estética e pelo regime de sensibilidade que as caracteriza, podem apresentar-se como um outro meio para interpelar mais de perto o público relativamente ao mundo que nos rodeia.

A viagem da autora por este universo preenchido por arte é um percurso já longo. Percurso por mundos que nos interpelam ou que deixamos sob forma de reticência, por não nos serem de imediato perceptíveis, inteligíveis, mas que se vão tornando mais permeáveis, fruto de outras leituras que nos vão surgindo. Ao longo de todo este tempo, na verdade desde a minha “descoberta” da exposição “Sem Saudade” (2003), momento simultaneamente partilhado com outra exposição “Ces pays qui m’habitent” (2001-2003)<sup>6</sup>, juntamente com o catálogo “Lá Fora” (2008), percebi a relevância de poder integrar estas produções num exercício de leitura e de reflexão mais alargado.

Aquando da participação da autora no “I Congresso da Mulher Migrante”, realizado em Toronto, em 2003, tomei conhecimento do trabalho de Teresa Ascensão, artista luso-canadiana, que naquele preciso momento estava a apresentar o seu último trabalho, “Maria”<sup>7</sup>, o qual se focalizava nos papéis da mulher portuguesa tanto no seio da família, como da comunidade portuguesa em Toronto, e mais ainda da comunidade portuguesa açoriana em Toronto. O título original deste trabalho foi “Sem Saudade: Contemporary Art by Canadians of Portuguese Heritage”.

Esta exposição coletiva “Sem Saudade” é antes de mais um trabalho de terreno, através do qual a curadora Anna Camara encontra artistas de

---

<sup>6</sup> Exposição patente entre 2001 e 2003 no Museu Canadano de História que reúne um conjunto de 26 artistas canadianos de origem árabe e que através das suas obras nos interpelam sobre a experiência migratória vivida, a mestiçagem, o hibridismo. Não uma exposição virada para o “exotismo” ou para o “étnico”, mas “antes [como] as expressões de uma experiência social onde o específico e o universal são colocados em evidência, um e outro e não um sem o outro.” (Aïda Kaouk, conservadora do Museu Canadano das Civilizações e curadora da Exposição “Ces pays qui m’habitent”, Québec, 2001). Retirado de <http://www.museedelhistoire.ca/cmcc/exhibitions/cultur/cespays/payintf.shtml>

<sup>7</sup> Ver <http://teresaascencao.com/maria/>

origem portuguesa e brasileira, filhos de emigrantes portugueses (açorianos) e brasileiros que nasceram no Canadá ou que emigraram, em criança ou adolescente, com os pais. Neste projeto artístico, pretendia-se, também, procurar uma alternativa para a categoria totalizante de “cultura portuguesa” bem como aferir esta mesma categoria junto de artistas portugueses ou de origem portuguesa:

esta exposição é um registo dessa investigação. Os trabalhos apresentados nesta exposição são em vários níveis os corretivos pessoais e artísticos para *saudade*. E porque o amorfo *saudade* não tem antónimo, nenhum oposto sólido, nós acordámos no título *Sem Saudade* – “sem arrependimento”. (A. Camara, comunicação pessoal, 2003)

Em resumo, para a curadora Anna Camara:

ao invés de voltarem as costas ao seu passado, estes artistas – entre muitos outros desta minoria invisível – têm usado o seu trabalho para compreender a sua herança, relacionar-se com a sua dualidade cultural, dar expressão e resolução aos problemas e potencialidades da identidade imigrante. (A. Camara, comunicação pessoal, 2003)

No seguimento do “I Congresso da Mulher Migrante”, viria a realizar-se uma exposição em Braga (2007), organizada pelo Museu Nogueira da Silva, Casa Museu da Universidade do Minho, com a curadoria de Carolina Leite (então diretora do Museu). Nesta exposição, intitulada “Cinco autores luso-descendentes”, privilegiou-se apresentar uma coleção essencialmente protagonizada por mulheres, na sua quase totalidade da segunda geração com trajetórias inscritas na vivência migratória e na dupla-pertença. Tratava-se de divulgar junto de um público familiarizado com a emigração, trabalhos que problematizavam noções como intergeracionalidade, identidade, memória, pertença, perda, capazes de suscitar no público um outro olhar sobre as questões migratórias.

A partir destas exposições a autora foi aos poucos alimentando a vontade de conhecer e registar mais exemplos de exposições sobre esta temática, o que fez com que viesse a formar uma espécie de repertório de catálogos que se veio a constituir como um estímulo para transitar para um projeto de trabalho. Do conjunto trabalhado constituiu-se um núcleo de cinco artistas de arte contemporânea-portuguesa, provenientes de vários domínios artísticos, descendentes de emigrantes portugueses, e residentes

noutros países: Carlos Batista (França), Isabel Mateus (Reino Unido) – literatura; Marco Godinho (Luxemburgo) – artes plásticas/vídeo arte; José Vieira (França) – cinema, documentário; Sozana Marcelino (França) – dança contemporânea. Núcleo subtraído de um percurso analítico mais amplo no qual se inscreveram participações de Aurore de Sousa (França) – fotografia; Carlos Farinha (França), Isabelle Faria (França), Míriam Sampaio (Canadá), Joe Lima (Canadá), Teresa Ascensão (Canadá) – artes visuais; Gabriel Abranches (Estados Unidos da América) – cinema, documentário, curta e longa-metragem.

O distanciamento, ou desdobramento crítico, intrínseco ao produtor artístico coloca-o em posição privilegiada para, através dos seus objetos/práticas artísticas, projetar sobre a emigração uma releitura. Acresce uma evidência empírica: à experiência migratória vivida por estes atores adiciona-se uma outra mobilidade geográfica assente no facto de a sua prática se situar à escala do mercado internacional da arte, o que vem redobrar a sua condição de atores de fronteira. A seleção dos trabalhos/obras dos cinco artistas foi feita, fundamentalmente em função da sua pertinência para a problemática da dissertação (Afonso, 2017), ou seja, são consideradas relevantes obras que abordem direta ou indiretamente a temática da deslocação como exploração/exercício interrogativo identitário. Não se trata tanto de saber como é que as migrações são representadas, apropriadas pela criação artística em todas as suas modalidades e suportes. Procura-se, sim, perceber o que evidenciam, que posicionamentos reivindicam e se porventura se constituem como meios de reequacionar questões como identidade, mobilidade, fronteira, pertença, alteridade, entre outras.

Neste sentido, é pertinente enfatizar aqui a identidade est-ética de Marco Godinho<sup>8</sup>, o artista português que representou o Luxemburgo na Bienal de Veneza na edição de 2019. Deslocando objetos, ideias, conceitos dos seus contextos ditos naturais, ressitua-os, Marco Godinho visa propor questões mais universais (Javault et al., 2013). A partir de uma estética conceptual, este artista binacional (luso-luxemburguês), dissociando-se intencionalmente de uma pertença identitária, nacional étnica *per se* redutora, prefere convocar uma pertença universal. A errância, o exílio, o nomadismo e a viagem definem de igual modo a sua profissão em movimento: um criador em itinerância e criador de itinerários. De igual modo,

<sup>8</sup> Ver <http://www.marcogodinho.com/>

Godinho convoca-nos a olhar de modo diferente, a experimentar. A sua primeira viagem<sup>9</sup>, familiar, incompreendida e “imposta”, é sinónimo de desenraizamento. Godinho, em entrevista pessoal em 2014, define a migração como “um deslocar-se físico, mental, linguístico, social, cultural e afetivo”. Refere ainda que “o seu intuito é poder formular questionamentos mais alargados, universais, criar múltiplos cruzamentos para permitir o maior número de aberturas/saídas possíveis” (M. Godinho, comunicação pessoal, 27 de março de 2014).

Marco Godinho aborda os objetos e trabalha-os, numa dinâmica de desdobramento, de multiplicidade de multilugares assim como estes se movem igualmente nas diferentes disciplinas/áreas como se o elemento do plural fosse inevitável, ou tivesse de se declinar.

Pelo seu já vasto percurso artístico, é difícil ter de escolher um conjunto de obras referenciais para a reflexão a que nos propusemos. Dotado de uma performatividade multifacetada (instalação, vídeo, fotografia, desenho, escultura gráfica, edição), o trabalho de Godinho conjuga, cruza e alterna linguagens para poder responder ao seu processo criativo cuja ética é a de questionar códigos, representações, símbolos, convenções, formatos.

Mover-se, escrever, ver/olhar, desenhar é projetar, é fazer deslocar para um outro espaço, em escala variada, sob uma outra materialidade. Transpor, enfim, através de uma linguagem diferente uma configuração outra que permite perspetivar e perspetivar-se *de outra forma*. Sair de si, protagonizar um processo de exteriorização, uma autocompreensão para que “[o meu] ponto de partida [dê] início a um infinito, sem imagem sem nacionalidade específica” (M. Godinho, comunicação pessoal, 27 de março de 2014).

Uma vez essa experiência vivida, assumi-la significou, para este artista, transferir-se para uma matriz de questionamento. Doravante, redescobrir-se, desmultiplicar-se, tornou-se referente de possibilidade, oportunidade de analisar mais justamente como fio condutor de todo o processo criativo de Marco Godinho. Do mesmo modo, o seu trabalho permite-nos enquanto visitantes, cidadãos, deslocarmo-nos, questionarmo-nos, como o próprio pretende, ao deslocar conceitos e posicionamentos tais como território, identidade, memória, coletivo, individual, eu e outro. Deslocando objetos, ideias, conceitos dos seus contextos ditos naturais, ressituaando-os,

---

<sup>9</sup> Nasceu em Salvaterra de Magos em 1978 e em 1987 juntamente com a mãe e o irmão que tinha um ano e foi ao encontro do pai que tinha emigrado para o Luxemburgo um ano antes.

“Marco Godinho pretende criar, enunciar, propor questionamentos mais universais” (Javault et al., 2013, p. 13). A partir de uma estética conceptual, este artista binacional (luso-luxemburguês), dissocia-se intencionalmente de uma pertença identitária, nacional e étnica.



Figura 2: “Untitled (Transparent Flags), 2007-2011”

Créditos: Marco Godinho

Para citar Nouss (2015): “já não se trata de estudar o exílio a partir de critérios territoriais, mas repensar o território em função da experiência exílica” (p. 6).



Figura 3: “Forever immigrant (2012-2013)”

Créditos: Marco Godinho

Em “Forever immigrant (2012-2013)”<sup>10</sup>, a partir de um carimbo redondo do tipo usado na administração pública nacional, Marco Godinho mapeia os contornos do que podemos visualizar como representação simbólica dos diferentes continentes ou de continentes desfigurados, como um atlas geográfico imaginado. Uma obra que reenvia para a própria experiência migratória de Godinho, mas a que este confere uma dimensão universal.

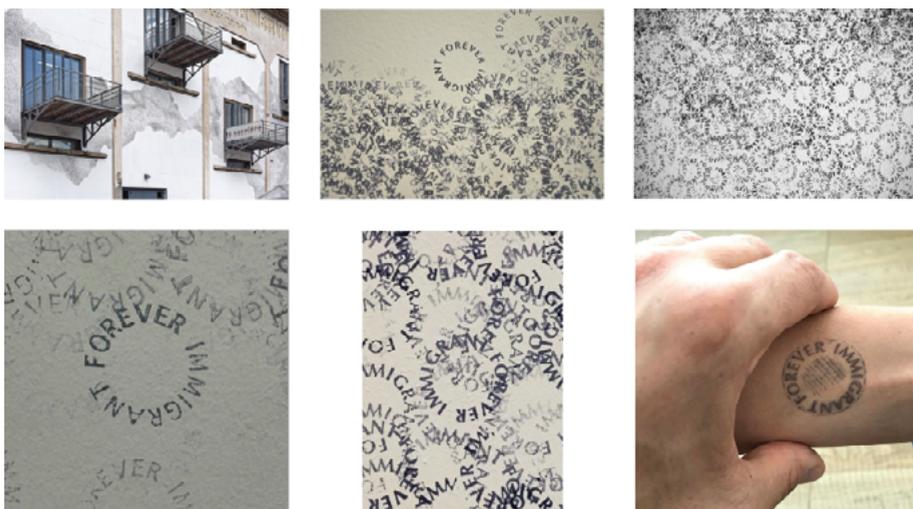


Figura 4: “Forever immigrant (2012-2013) | Pormenores”

Créditos: Marco Godinho

Como o próprio autor refere em entrevista:

é uma proposta universal: como se definir a si próprio nessa globalidade? Eu proponho ideias com formas variadas onde não imponho uma maneira de ver. (M. Godinho, comunicação pessoal, março de 2014)

Num tempo não muito longínquo, esta obra poderia igualmente simbolizar a diluição da fronteira como último reduto de soberania, do Estado-nação. Hoje, esta obra pode denunciar o avivar das fronteiras como lógica nacionalista, territorial, não de abertura, mesmo se a viagem, a circulação,

<sup>10</sup> Ver <https://vimeo.com/137064934>

a mobilidade inscreve na sociedade contemporânea dinâmicas de desenvolvimento, de emancipação e de liberdade. Sob um ângulo mais pessoal, “Forever immigrant” reenvia-nos para o facto de uma vez vivenciada uma condição exílica, esta mesma condição manter-se sempre presente na vida individual ou familiar. Marco Godinho opta por transformar essa experiência traumática, de ferida que marca a mente e o corpo, deixando lugar à cicatriz silenciosa, que se quer dissimulada, escondida, em marca assumida intencionalmente no corpo para simbolizar um momento, um facto importante (imagem integrada na figura anterior).

Convoca-se uma pluralidade de geografias, de lugares, onde a fronteira, ou melhor, as fronteiras exigem que este ator se enquadre num ou noutro espaço, levando a que toda a sua vivência, experiências, construção individual, criadas precisamente no *cross bounding*, sejam ignoradas, negadas ou então que sejam compartimentadas num ou noutro espaço, a fim de responder à adoção exclusiva de um único, relegando o ator para o estatuto de estrangeiro, de etnia, de subordinado, de excluído. Ora é precisamente essa construção que define a sua identidade – o ator é essa construção: “as identidades são construções em curso, [as identidades] são negociações de sentido, choques de polissemia, choques de temporalidades” (Santos, 1993, p. 11).

Recorrer ao exercício de aproximação artes/ciência constitui, nomeadamente neste trabalho, um procedimento de renovação analítica, relativamente ao qual convocamos o argumento de Anne-Laure Amilhat Szary et al. (2016): este modo de proceder permite “produzir em conjunto dispositivos emancipadores que incitam os seus destinatários a agir através da relação sensível que eles desencadeiam como através da sua capacidade de transmitir ideias justas” (Secção 5, para. 2). Dotar-se da linguagem estética permite dar conta de uma realidade mais próxima, mais justa, da geografia de fronteira na qual se inscreve a segunda geração.

O reconhecimento da emergência mais recente do terreno das artes constitui-se como dispositivo fundamental para narrar e assumir uma história para reformular criticamente um posicionamento sobre a própria experiência migratória. Na imagem-marcador de entrada deste texto, o ensejo de alargar as fronteiras até atingir o seu desaparecimento já é em parte alcançado pelo movimento de deslocalização – *deslocar a linguagem* – que por sua vez, reenvia automaticamente para uma abertura plural – língua/

linguagem – e que permite cumprir um percurso reflexivo/auto-reflexivo em permanente questionamento.

## AGRADECIMENTOS

Expresso aqui a minha maior gratidão ao artista Marco Godinho pela cedência das imagens<sup>11</sup> de algumas das suas obras integradas nesta reflexão.

## REFERÊNCIAS

- Afonso, S. (2017). *Narrativas de regresso e projeções artísticas: Um estudo sobre a segunda geração* [Tese de Doutoramento, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/55961>
- Afonso, S. & Mora, T. (2018, 23-24 de julho). *Olhar de lado a normatividade da experiência migratória* [Apresentação de artigo]. Colóquio Histórias, Memórias e Novas Narrativas da/na Emigração Portuguesa, Lisboa, Portugal.
- Bal, M. (2009). Arte para lo político. *Estudios Visuales: Ensayo, Teoría y Crítica de la Cultura Visual y el Arte Contemporáneo*, 7, 40-65. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6824453>
- Bhabha, H. K. (2007). Ética e estética do globalismo: Uma perspetiva pós-colonial. In H. K. Bhabha, M. Ferro, M. B. Kacem, M. V. de Almeida, D. Muller, B. Stiegler, P. Gilroy, A. C. Pratt, P. D. Miller, F. D. Santos, P. Magalhães, A. Cicero, D. Cohn, *A urgência da teoria* (pp. 23-44). Tinta da China.
- Bruguera, T. (2016, 04 de novembro). On contemporary art and migration. *International Migration Institute*. <https://www.migrationinstitute.org/blog/on-contemporary-art-and-migration>
- Bourriaud, N. (2002). *Relational aesthetics*. Les Presses du Réel.
- Crownshaw, R. (2013). *Transcultural memory*. Routledge.
- Devereux, G. (1970). *Essais d'ethnopsychiatrie générale*. Éditions Gallimard.

<sup>11</sup> Imagens disponíveis em [http://marcogodinho.com/Godinho\\_Dossier\\_2013\\_EN\(72dpi\).pdf](http://marcogodinho.com/Godinho_Dossier_2013_EN(72dpi).pdf) e <https://mondepasrond.net/2014/04/23/universal-declaration-transparent-flags-forever-immigrant/>

- Hammouche, A. (1998). Le migrant et l'artiste comme figures de la modernité. *Ecarts d'identité*, 86, 2-5. [http://www.revues-plurielles.org/\\_uploads/pdf/6\\_86\\_2.pdf](http://www.revues-plurielles.org/_uploads/pdf/6_86_2.pdf)
- Javault, P., Damiani, D., Josse, B. & Godinho, M. (2013). *Endless time searching*. Les Presses du Réel.
- Kirmayer, L. J. (2006). Beyond the 'new cross-cultural psychiatry': Cultural biology, discursive psychology and the ironies of globalization. *Transcultural Psychiatry*, 43(1), 126-144. <https://doi.org/10.1177/1363461506061761>
- Lemke, S. (2007). Diaspora aesthetics: Exploring the African diaspora in the works of Aaron Douglas, Jacob Lawrence and Jean-Michel Basquiat. In M. Kobena (Ed.), *Exiles, diasporas & strangers* (pp. 122- 145). Institute of International Visual Arts; MIT Press.
- Joly, P. (2016). Tous migrants? / Are we all migrants? *Zero Deux*, 76. <https://www.zerodeux.fr/essais/tous-migrants/>
- Mercer, K. (2008). *Exiles, diasporas & strangers*. MIT Press.
- Mouffe, C. (2005). Por um modelo agonístico de democracia. *Revista de Sociologia e Política*, 25, 11-23. <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/7071/5043>
- Mouffe, C. (2013). *Agonistics. Thinking the world politically*. Verso.
- Nouss, A. (2015). *La condition de l'exilé - Penser les migrations contemporaines*. Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Santos, B. de S. (1993). Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 38, 11-39. <https://doi.org/10.1590/ts.v5i1/2.84940>
- Singapore Art & Gallery Guide. (s.d.). 'Making Shadows' by Moses Tan and 'Migrant Art': Two exhibitions. <https://sagg.info/event/making-shadows-by-moses-tan-and-migrant-art-two-exhibitions/>
- Szary, A-L. A., Cristofol, J. & Parizot, C. (2016). Introduction: Science-art explorations at the border. *AntiAtlas Journal*, 1. <https://www.antiatlas-journal.net/01-introduction-science-art-explorations-at-the-border/>
- Tuan, M. (1999). *Forever foreigners or honorary whites? The Asian ethnic experience today*. Rutgers University Press.

Werbner, P. & Fumanti, M. (2015). The aesthetics of diaspora: Sensual milieus and literary worlds. In P. Kaaur & Dave-Mukherji (Eds.), *Art and Aesthetics in a globalizing world* (pp. 153-168). Bloomsbury.

Citação:

Afonso, S. (2021). Para uma e(sté)tica de questionamento. In H. Pires & Z. Pinto-Coelho (Eds.), *Transartes, arte expandida e novas linguagens* (pp. 41-55). CECS.